

JOSÉ DE ALENCAR E O ROMANCE BRASILEIRO

MONTE ARRAIS

Queremos crer que não haverá qualquer distorção na afirmação de que, no quadro da nossa literatura romântica, o que mais alto projetou a figura gloriosa de José de Alencar foi o contraste de sua obra grandiosa com os trabalhos do mesmo gênero que precederam ou sucederam ao seu esforço de sublimar a paisagem e o homem brasileiro como motivo artístico de valorização nacional.



Antes que ele nos reivindicasse à influência estrangeira, não tínhamos romances, cuja concepção e motivos se inspirassem em personagens de atividades, sentimentos e pensamentos ligados inteiramente a ambientes de todos estranho ao meio brasileiro.

Os homens, como as mulheres, em tais criações — não sentiam a vida que eles próprios estavam vivendo e que fruira nos seus males. Não inspiravam o oxigênio do nosso ambiente purificado. Não serviam os perfumes das nossas flores, o azul das hortênsias, o escarlate dos nossos rosais, o lilás verde-áureo dos maracujás silvestres, o branco dos bugaris e dos jasmims das alamêdas ou florestas brasileiras, na sua policromia infinita, jamais os impressionaram. A tudo estava alheia a emoção dos escritores nacionais, cujos olhos se conservaram cerrados diante da opulência de nossas florestas, da vastidão dos nossos plantios, dos contrastes das nossas depressões geográficas, da majestade de nossos mares e dos nossos sistemas orográficos.

A sugestão de um tema de salão e o enredo das cortes européias era o que correspondia aos anseios de celebridade de quantos aspiravam, no campo literário, à popularidade e à boa reputação intelectual.

A rotina no versar temas antinacionais, revestindo-as das formas clássicas da expressão ultramarina, assumiu proporções de uma exigência indeclinável ao nosso temperamento e à nossa civilização insipiente. Tudo o que não ostentasse a etiqueta portuguesa ou francesa, não merecia ser levado em consideração.

A produção poética que antecedeu o movimento romântico nacional, empa-

peu-se na volúpia desse estrangeirismo de idéias e de fórmulas sem cunho e sem sabor de originalidade. Somente Gonçalves Dias logrou sobrepor-se às injunções da mediocridade e do prosaísmo em voga, para, em poesias de autêntico paladar brasileiro, interpretar, na sua eloquência épica, o nosso mundo emocional. A alma do grande nacionalista maranhense fez-nos desabrochar um Brasil depurado de todas as mesclas de preferência alienígenas, tão puro, tão belo, tão grandioso quanto o próprio esplendor natural do seu meio cósmico e da sua fisionomia humana.

O gênio das florestas, o murmúrio das selvas, o ritmo de todo o viver selvagem heróico, alegre ou nostálgico, só então receberam de nossa cultura artística, o batismo intelectual da sua retardada consagração.

No domínio da ficção romântica, continuámos, no entanto, tributários da corrente caudalosa do pensamento europeu, desvirtuado, allás, no seu primitivo encanto, pelo deslocamento do cenário que produziu o duplo efeito de, por um lado, inverter a realidade remota projetada sobre nossa tela como uma mera visão fantasmagórica e, pelo outro lado, conduzir pela obliteração da iniciativa criadora o nosso espírito para uma absoluta indiferença, diante da própria cultura e dos nossos próprios valores artísticos.

Portugal e França ocuparam o espaço que o destino cósmico da espécie havia reesrvado ao Brasil como meio literário de existência autônoma.

O nosso laço de subordinação colonial e a submissão do elemento nativo e do elemento africano ao outro ramo da fusão racial de procedência peninsular, voltado pelo seu pendor sentimental, ainda nas terras americanas, para seu "hábit" originário, explicam historicamente esta evasão da alma nacional para as sensações de meios por nós nunca sentidos nem vividos.

José de Alencar, reagindo corajosamente, através do romance nacional, contra tamanha obsessão de estrangeirismo, comum a todos os escritores que lhe foram contemporâneos, careceu, pois, para levar por diante sua brilhante missão, de dispor, em gráu desproporcionado, entre outros, de dois elementos de ação indeclináveis: — originalidade das idéias e firmeza de convicção nacionalizadora dos conceitos, da realidade e da língua. Um atributo intelectual e um sentimental teriam, assim, o poder de lhe alentar o espírito na senda de uma carreira que a tenaz reação dos retrógrados e dos cortesãos por pouco poderia ter interceptado.

A arte é, sobretudo, idéia emotivamente fecundada, de modo a traduzir a vida. Mas, para que exista a idéia, os sentimentos deverão ter levado antes a inteligência do artista a um contacto com elementos exteriores que venham a ser para a mesma o fiat lux da inspiração.

Ser capaz de embeber-se em um motivo original, para exteriorizá-lo sob forma pessoal e amena, é de certo abeberar-se dos eflúvios do gênio e afirmar-se artista. A perene admiração que despertaram, dentro e fóra do país, muitas das obras do insigne escritor brasileiro, assim como o prestígio que, depois de quase um século do seu desaparecimento objetivo, continuam elas a desfrutar, cada vez mais, entre a massa dos leitores e os círculos de cultura do país, dão-nos, já,

agora, a certeza de que o seu aureolado nome literário sobreviverá, na perenidade de nossa existência nacional, levando a cada geração porvindoura o halo de ineditismo que emana de todos os verdadeiros monumentos de arte.

Quem deletrear o "Iracema" ou o "Guarani", hoje como amanhã, sentirá sempre, com o alento de uma espiritualidade nova, a visão estranha e grata de um Nordeste nele singularmente vívido e fotografado por uma sensibilidade e uma inteligência que transcendem em muito ao poder de percepção, ainda dos observadores mais argutos.

Este surto de espiritualização conforme à realidade exterior que nele surge despida da roupagem com que habitualmente a revestem os impressionistas vulgares, apresentando-a mais limpa, mais bela, não se evade a uma justa qualificação de verdadeira visão de um gênio.

Por havermos nascido em pleno coração do Ceará, e ainda por termos, em sucessivas oportunidades, percorrido extensos tratos do território nordestino, cruzando-os em todas as direções, somos um dos lídimos exemplares do nosso sertanismo contemporâneo. Que sensação, de fato, haverá estranha para nós nestes pitorescos rincões? Nenhuma. Palmilhámo-los através de jornadas de centenas léguas, prevagando os rasos taboleiros de crosta pedregosa sobre que se acamam os capinzais de "mimosos", ora reessequidos nas longas soalheiras, ora reverdecidos nos períodos de invernia. Atravessámos, por vezes incontáveis, as extensas várzeas marginais de seus rios e arroios, pisando sobre o verde-cana do "matapasto", estendido aqui por suaves sinuosidades e ali abatido pelos ventos sobre o solo. Nestas longas incursões por depressões planas que se alastram por tôdas as antigas tabas dos nossos ancestrais tabajaras, contemplámos, ainda a perspectiva dos platôs ou das frágoas das montanhas, cortadas pelos profundos grotões que lhes sulcam a superfície por onde se precipitam, no desnível, as águas pluviais entregues ao eterno trabalho da erosão do solo.

Que quadro natural poderia dramatizar-nos mais o espírito do que o de assistir à precipitação das torrentes que, nas grandes chuvas, se, projetam sobre os declives encachoeirados dos chapadões da Borborema e do Araripe?

Que espetáculo mais empolgante já se nos deparou à vista do que o do corte abruptamente vertical com que a majestosa Ibiapaba se debruçou sobre a pitoresca cidade do Ipê, tão decantada no "Iracema" por José de Alencar, para deixar cair pelo espaço sobre o plano que a circunda, de centenas de metros de altura, a água jorrada de suas entranhas como se fossem fios luminosos de platina líquida?

Não obstante, nem mesmo a visão de tamanho e tão sugestivo cenário nos deu uma imagem mais definida da realidade deste grandioso espetáculo do que a descrita pelo eminente escritor nordestino. Entretanto, um dos aspectos por que a crítica fez maior restrição à obra de José de Alencar foi, o de haver êle fixado através de sua portentosa imaginação, com cores exageradas, o cenário em que fizera viver as personagens dos seus romances. Tal exarcebação de tons, dizem, ralou os limites da própria inverossimilhança. A sua imaginação, super-

excitada, afastou-se tanto da fonte de inspiração originária que seu espírito urdiu, no vácuo da pura abstração, a imagem simbólica, quer do melo quer das personalidades representativas da nossa massa etnológica de antigos povoadores.

Iracema e Peri — arguem os criticos da infidelidade artistica de José de Alencar — são expressões individuais numanas que, pelo porte, pelo falar, pelo requinte estético, pela distinção das maneiras, pela conduta social, se apresentam, não como autênticos espécimes de habitantes tribais, mas como verdadeiros símbolos de uma exigente civilização convencional.

Não descobrimos, no autor do "Guarani" e do "Iracema", esse senão interpretativo e de observação, em gráu capaz de diminuir-lhe a glória e a merecida reputação póstuma. Acreditamos que os que o têm criticado descobrindo na sua tessitura mental, a lacuna apontada é que desconhecem a realidade esteriotipada pela pena e pela imaginação do grande renovador brasileiro, e a substituem por um quadro nascido da sua própria fantasia dêles.

Lemos algúres, por exemplo, que as paisagens escritas no "Iracema" ou no "Guarani" apresentam, uniformemente, tonalidades comuns a todas as naturezas virgens. Esta circunstância reveleria a ausencia de poder pessoal no escritor, requisito que é, a nosso ver, na adaptação das faculdades artisticas as imposições do melo físico, o traço predominante de qualquer espirito original. Se a inspiração é a força íntima que agita o mundo interior movendo a alma do artista para fora de si mesma, em busca de uma idéia central e dominadora, a observação é a janela por onde se lhe abre o caminho para a vida externa que se destina percorrer.

Sem este prévio acesso da inteligência ao melo físico, o espirito estiolar-se-la, fenecendo na sua fonte como o corpo no proprio vácuo. Se a José de Alencar tivesse faltado a facultade espontânea de observar e de analisar que a força criadora da idéia e o elemento motor da emotividade, êle de certo não teria sido um grande artista como o foi, porque a arte é, antes de tudo, concepção que rani", não teria alcançado elaborar, na diversidade dos meios e dos hábitos dos que, imanando da imagem se projetou, por, fim, como símbolo de uma ordem de fatos generalizados.

Não observando com rigorosa fidelidade, o autor do "Iracema" e do "Guarani", não teria alcançado elaborar, na diversidade dos meios e dos hábitos dos povoadores selvícolas, a urdidura psíquica que integra a forma de viver incarnada nas personagens simbólicas daqueles dois monumentos artisticos. Mas, dizem os que apontam tal falha de capacidade construtiva do grande escritor, que a sua insuficiência de observar se revela sobretudo na desproporção entre o seu pensamento e a realidade do melo ou dos tipos por êle imaginados. Tudo, em suas obras, representa excesso de efeitos decorativos, suntuosidade das características paisagísticas ou exagero dos atributos superiores dos tipos humanos caracteristicamente representativos.

A sua paixão panteista fê-lo um romantico, alucinado em face da natureza. O seu refinado senso de perfeição estética levou-o a sonhar com índios que mais

não eram, pelas qualidades que lhes atribuiu senão émulos do homem civilizado das tragédias de Racine ou dos heróis da Odisséa e da Índia.

Há evidente exagero em tôdas estas afirmações, José de Alencar não podia sentir e descrever a natureza sem lhe imprimir o timbre da própria imaginação.

Sem este toque de íntima impulsão não estaríamos diante de um romancista, mas de méro cronista, ou de um cientista, entregue aos labores das descrições áridas ou da análise científica, para, destituída de tôda a vida e de todo o entusiasmo que objetivam a feição artística de qualquer realidade romançetada.

Leíamos alguns trêchos de "Iracema", por ser a obra mais típica do seu indianismo e vejamos como, por si mesmos, êles contradizem a proposição re- futada. Descrevendo, por exemplo, a praia cearense, ora na sua visão para o interior do mar, ora na sua perspectiva em direção à terra, escreve o grande romancista, ao interpelar a frágil jangada que se fizera ao mar, conduzindo, em seu dorso de leve lenho branco, o guerreiro de tez clara, a criança e o rafeiro, irmãos não pelo sangue, mas, pela origem do nascimento, no "habitat" americano.

"Onde vai a afoita jangada que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela?

Onde vai como branca alcione buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano?

Três entes respiram sôbre o frágil lenho que vai singrando veloce, mar em fora:

Um jóvem guerreiro, cuja tez branca não cora o sangue americano, uma criança e um rafeiro que viram a luz no berço das florestas, e brincam, irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.

A lutada intermitente traz da praia um éco vibrante, que ressoa entre o marulho das vagas:

— Iracema.

O moço guerreiro, encostado ao mastro, leva os olhos presos na sombra fugitiva da terra: a espaços o olhar, empanado por tênues lágrimas, cái sôbre o girau, onde folgam as duas inocentes criaturas, companheiras de seu infortúnio.

Nesse momento o lábio arranca dalma um agro sorriso.

Que deixara na terra do exílio?

Uma história, que lhe contaram nas lindas várzeas onde nasci, à calada noite, quando a lua passava no céu, argenteando os campos, e a brisa rugitiva nos palmares.

Refresca o vento.

O rulo das águas precipita. O barco salta sôbre as ondas e desaparece no horizonte.

Abre-se a imensidade dos mares: e a borrasca enverga, como condor, as fôscas asas sôbre o abismo.

Deus te leve a salvo, brioso e altivo barco, por entre as vagas revoltas,

e te poje nalguma enseada amiga. Soprem para ti as brisas auras: e para ti jaspeie a bonança mares de leite.

Enquanto vogas assim à discreção do vento, airoso barco, volta às brancas areias a saudade, que te acompanha mas não se parte da terra onde revôa?"

Os que, como todos que aqui estão, conhecem o Mucuripe, a bela enseada, onde se constrói atualmente o ancoradouro da capital cearense e tenham percorrido as suas adjacências ou lhe tenham contemplado a vastidão das águas revoltas, cuja tonalidade varia, conforme os efeitos da luz solar, desde o verde esmeralda, pelas manhãs, ao verde escuro vespertino até o azul sáfira ao ocaso do sol, podem medir a profundidade e a propriedade com que o tópicó transcrito as ajustou ao quadro natural.

Nada de exagêro nêle existe, quer quanto ao panorama de conjunto e de seus pormenores, quer quanto ao alcance romântico do vocabulário, pôsto na bôca das várias personagens, tão exato que, depois de setenta anos, poderíamos, ainda hoje, ao desembarcar nesta terra da luz, ouvi-lo em tôda a sua esplêndida senioridade na voz dos nossos jangadeiros, ou dos nossos atuais habitantes do litoral.

Tudo, na admirável síntese do saudoso e imortal escritor, são pedaços da nossa realidade física ou da nossa forma de existência humana, desde o hino que entoa à jangada, como símbolo da luta contra a revolta eterna dos vagalhões ou da têmpera do povo audaz e forte que dela se arma para o seu triunfo sôbre as pralas arenosas, a esturgir e borbotar.

Se, deixando à parte a orla litorânea ou o vasto panorama do mar interior, o seguirmos no seu relancear dolhos sôbre o sertão, onde o guerreiro branco se internou como aventureiro, captor do coração selvagem nas tabas de Araquém, não menos fiel se nos deparam as suas descrições do ambiente ou das tradições dos que outror o habitaram.

Vejamos qêste trecho em que, após haver sumariado a marcha do guerreiro enamorado em busca dos rochedos incógnitos do alto mar, se volta, então, subitamente, para a terra em que nasceu e viveu Iracema, no esplendor da sua virgindade ou como escrava do amor que a tornou mais tarde espôsa abandonada à sorte adversa, a carpir a saudade do seu afagado companheiro:

"Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu scrriso; nem a baunilha rescendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe

o corpo a sombra da oitívica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flôres sôbre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros amalgavam o canto.

Iracema saiu do banho: o aljofar da água ainda a roreja como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado em galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o urú de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes os alvos fínco do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão. Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espirito da floresta. Tem na face o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotas cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco, partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

Do primeiro impeto, a mão lesta caiu sôbre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais da alma que da ferida.

O sentimento que êle pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém, a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

— Quebras comigo a flecha da paz?

Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

— Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

Benvindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias e à cabana de Araquem, pai de Iracema”.

Quem, após escutar a leitura empolgante do tópico e em que o espírito de José de Alencar se abrasa do seu próprio “habitat” e da sua raça, não vê abrolhar, límpida e integral, a moldura do interior cearense, ou o seu perfil topográfico de multiformes impressões?

Nele, tudo é digno de admiração, desde o empolgante estilo, em que o escritor alterna a boa linguagem com a pureza do pensamento, até a grandeza do horizonte, por que faz êle dilatar a contemplação do espectador, ao fixar os

caprichos de uma natureza em que se contrapesem, conforme as variações da crosta a vegetação virente e viva e o espectro das caatingas mortas.

Por sobre isto se nos antemostra, como fôsem idênticas a si mesmas, as serras de Aratânia, de Maranguape, com todo o acuminado de montes que azulam ao longe, ostentando nas alturas, os píncaros aguçados.

É por este sítio de uma natureza, cuja majestade só poderão negar os que a desconhecem, que a pena privilegiada do lírico romancista, revivendo a pureza e a simplicidade dos hábitos dos nossos aborígenes, movimenta o hóspede guerreiro ou a filha de Araquém.

E com que singular compreensão não recompõe êle, em síntese, através das duas personagens, a maneira de viver, a acolhedora hospitalidade e a espontânea e cativante delicadeza dos representantes das velhas tribus de guerreiros indígenas?

Quantas vezes não restauramos, ao sabor da leitura do "Iracema" ou do "Guaraní", tudo que de mais típico caracterizou a fisionomia desse povo de nômade, tão instintivamente sentimental que a ambição dos conquistadores destruiu ou absorveu?!

Que extraordinários lances de interpretação biopsíquica não ressaltam deste primeiro encontro do elemento civilizador com a massa dos habitantes primitivos das nossas selvas, encontro, simultaneamente, devaneador e romântico.

É verdade que todos aqueles que só vêem dos nossos índios suposto indomável, a ferocidade e os predicados negativos, o que exatamente estranham na obra de José de Alencar, é esta feição de cavalheirismo dos seus tipos masculinos da doçura inebriante das suas figuras femininas.

No entanto, o que, de fato sabemos é que, em tempo algum, o caráter dos nossos índios se revelou como inacessível à influência benéfica dos colonizadores, dignos da sua missão apostolar.

Os exemplos de Anchieta e das reduções dos pampas brasileiros ou argentinos, a própria sobrevivência dos núcleos guaranis das nossas lindes com o Paraguai, atestam a extravagância desse modo de considerar o complexo intelectual dos nossos povoadores primitivos.

Todas essas fontes são concordes em nos assegurar a índole sociável dos selvícolas de um e do outro sexo. Mais do que isso, elas dissipam completamente as dúvidas que ainda possam existir, quando às ternas disposições do coração das mulheres daquela origem, em relação aos homens de procedência estranha.

Os guaranis das fronteiras matogrossenses, conforme nos afirmou um dos seus mais acurados e sinceros observadores, Dr. Melo Silva, cearense ilustre que, ainda há pouco, escreveu um brilhante trabalho sobre o assunto, são dotados de encantos e de uma natureza tão doce, que a meiguice de suas mulheres, embora elivada dos vícios inerentes à própria civilização, atrai aos que delas se aproximam, com a mesma força irresistível dos seus Irapurús lendários.

Inclinadas à alegria, elas amam as artes rítmicas, com uma verdadeira paixão, a ponto de converterem a dança e a música em rito das suas múltiplas

manifestações de vida religiosa. Os seus próprios velórios, simples e alegres, pela sugestão de que os mortos participam da felicidade terrena, com deleite igual ao sentido pelos vivos, se caracterizam por aquelas alacres manifestações do prazer.

Iracema era uma virgem, em cujas velas corria o mesmo sangue que fervilha no coração dos guaranis, a cuja étnia se ligava como um dos principais rebentos.

Como, pois, poderia José de Alencar negar-lhe os atributos e predicados intrínsecos à sua nobre linhagem de filha genuína de uma das mais puras estirpes da raça continental?

Se lhe pôs à boca, afagada pelo mel do jatí e pelos ósculos do guerreiro branco, algumas frases de que se evola a melhor sonoridade, vocalizada pelos rossos conquistadores, é porque a sabia, na sua existência simbólica, do mesmo sangue e da mesma carne, de todas as donzelas das suas tabas.

O que o artista pretendeu perpetuar, na tela da imortalidade histórica, não era uma existência singular, senão, através dela, as peculiaridades do viver e do sentir de uma raça assim personificada em um dos seus melhores espécimes.

E a arte no seu alto poder de generalização, não colima senão este escopo ideal.

Sublimando o fruto emanado das entranhas de Araquén, não o enalteceu José de Alencar como um fim em si mesmo, não o ergueu ao pedestral para fazer honrar apenas aos lendários tabajaras ou mesmo à sua terra natal.

O quadro se é uma miniatura para possibilitar, pela sua redução, um golpe de vista sobre a totalidade do conjunto, abraça contudo, na sua expressão espiritual, a massa inteira da unidade racial, constitutiva da nação brasileira.

Iracema e o guerreiro branco, fundindo no cadinho do amor, o elemento vital do sangue europeu e do sangue americano, lançaram, em um conúbio de corações, as bases biológicas e sociais do Brasil.

É profunda, solene, grave e arrebatadora a forma por que Alencar, em um ímpeto luminoso, enuncia êsse episódio grandiloquo em todo seu alcãnc patriótico e em todas as suas consequências históricas.

Ouçamo-lo:

"Quatro luas tinham alumiado o céu depois que Iracema deixou os campos do Ipú; e três depois que ela habitava nas praias do mar a cabana de seu espôso.

A alegria morava em sua alma. A filha dos sertões era feliz, como a andorinha que abandona o ninho de seus pais, e peregrina para fabricar novo ninho no país onde começa a estação das flôres. Também Iracema achara ali nas praias do mar um ninho de amor, nova pátria para seu coração.

Como o colibri borboleteando entre as flôres da acácia, ela tiscorria as amenas campinas. A luz da manhã já a encontrava suspensa ao ombro do esposo e sorrindo como a enredicha que entrelaça o tronco robusto, e todas as manhãs o coroa de nova grinalda.

Martim partia para a caça com Potí. A virgem separava-se d'êle então para sentir ainda mais ardente o desejo de vê-lo.

Perto havia uma formosa lagoa no meio de verde campina. Para lá volvia a selvagem o ligeiro passo. Era a hora do banho da manhã; atirava-se à água e nadava com as garças brancas e s vermelhas jaçanãs.

Os guerreiros potiguaras, que apareciam por aquelas paragens, chamavam essa lagoa Porangaba, ou lagoa da Beleza, porque nela se banhava Iracema, a mais bela filha da raça de Tupã.

E desde esse tempo as mães vinham de longe mergulhar suas filhas nas águas da Porangaba que tinha a virtude de dar formosura às virgens e fazê-las amadas pelos guerreiros.

Depois do banho, Iracema divagava até as faldas da serra do Maranguape, onde nascia o ribeiro das marrecas, o Jereraú. Ali cresciam na frescura e na sombra as frutas mais saborosas de todo o país; delas fazia a virgem copiosa provisão, e esperava embalando-se nas ramas do maracujá, que Martim tornasse da caça.

Outras vezes não era a Jereraú que levava sua vontade, mas o oposto lado, a Sapiranga, cujas águas inflamavam os olhos, como diziam os pagés. Cerca daí havia um bosque frondoso de muritis, que formava no meio do taboleiro uma grande ilha de formosas palmeiras.

Iracema gostava do Muritlapuá, onde o vento suspirava docemente; ali espalpava ela, para fabrilhar a bebidarefrigerante, adoçada com o mel da abelha, enchia dela a igaçaba, destinada a estancar a sede dos guerreiros durante a maior calma do dia.

Uma manhã Potí gulou Martim à caça. Caminharam para uma serra que se levanta ao lado da outra do Maranguape, sua irmã. O alto cabêço se curva à semelhança do bico adunco da arara: pelo que Gualúba, por onde as águas descem para o vale, e foram até o corrêgo habitado pelas pacas.

Só havia sol no bico da arara; quando os caçadores desceram de Pacatuba ao taboleiro. De longe viram Iracema, que viêra esperá-los à margem de sua lagoa da Porangaba. Caminhava para êles com o passo ativo da garça que passeia à beira d'água: por cima da carioba trazia uma cintura das flôres da maniva, que era o simbolo da fecundidade. Colar das mesmas cingia-lhe o colo e ornava os rijos seios palpitantes.

Travou da mão do esposo, e a impôs no regaço:

— Teu sangue já vive no seio de Iracema. Ela será mãe de teu filho.

— Filho, dizes tu? exclamou o cristão em júbilo. Ajoelhou ali e cingindo-a com os braços, beijou o seio fecundo da esposa.

Quando êle ergueu-se, Potí falou:

— A felicidade do mancebo é a esposa e o amigo; a primeira dá alegria; o segundo dá força. O guerreiro sem a esposa, é como a árvore sem fôlhas nem flôres, nunca ela verá o fruto. O guerreiro sem amigo é como a árvore solitária que o vento açoita no meio dos campos; o fruto dela nunca amadurece. A

felicidade do verão é a prole que nasceu d'êle e faz seu orgulho cada guerreiro que sai de suas velas é mais um galho que leva seu nome às nuvens, como a grimpia do cedro. Amado de Tupã é o guerreiro que tem uma espôsa, um amigo muitos filhos; êle nada mais deseja senão a morte gloriosa.

Como é, a um tempo, fiel e grandiloquo o quadro esboçado! Como d'êle transparecem imprezíveis as recordações do viver nordestino em que ressal ao revérbero da luz que esbate as praias cearenses, o perfil da nossa formação etnológica, no esplendor da sua fecunda mestiçagem!

Qual de nós ao reler o texto correto e lapidar que consubstancia o pensamento do mais brasileiro dos nossos romancistas, não sentirá avivar-se no peito orgulho patriótico do nosso passado?

Há nas páginas deletreadas tal rigor de expressão, e tal propriedade de concepção que, ao lê-las, como que vemos materializar-se Iracema, simbolizando as mais pulcras linhas da compleição estética de nossa gigantesca comunidade nacional.

Dos arrebatamentos cavalheirescos do guerreiro branco, como que rebentam aos borbotões, ao lado da coragem aventureira inerente à índole portuguesa todos os predicados de arrojo de decisão que brincavam os mais intrépidos navegadores de que outrora se orgulhou a terra.

Dos olhares de Iracema, sófrega de amor, e de amor sem jaça da concupiscência e da lubricidade, que em regra deslustram as personagens dos demais romances brasileiros, ressumbram as virtudes sentimentais que já então exornavam os corações das filhas, das espôsas e das mães brasileiras que pelo devotamento, pela dedicação material e pela imunidade a todas as influências estranhas e desvirtuadoras, guardam no mais íntimo recesso, as nossas tradições de pureza patriarcal.

A filha de Araquén é meiga e singela, como os rebentos da sua estirpe rústica, bela e natural como a generalidade das filhas dos sertões.

Traçando-lhe a compleição física e moral, paralelamente com a do esposo que os deuses lhe destinaram, José de Alencar não foi somente o artista senão também no âmbito da literatura de feição romântica, o vidente prefigurador da fisionomia de uma nação em marcha.

O "Iracema", o "Guarani", e o "Gaúcho" para citar apenas as obras em que o escritor magistral emoldurou o nosso panorama rural, não revestem não somente, o mérito do seu valor artístico. Eles têm para nós um significado mais amplo e mais fecundo.

Do mesmo passo que em seus contextos se estratificam em cintilações multicores, aspectos da natureza física e se retratam, em expressões irisadas, semblantes humanos crestados ao sol, promanam também, dos seus entrecchos, não poucos ensinamentos pertinentes à gênese da nossa constituição orgânica e formação histórica.

Poder-se-la até, sustentar que à margem as poesias de Gonçalves Dias, o "Iracema", o "Gaúcho" e o "Guarani" podem ser apontados como os únicos e

verdadeiros livros sagrados da geogenia nacional. Estudando-os e interpretando-os, com o espírito de pesquisa, neles surpreendemos os embriões que, multiplicados pelo cruzamento progressivo, se metamorfosearam no nosso tipo étnico atual.

Quando José de Alencar pôe nos lábios de Iracema as frases com que anunciou ela ao esposo estrangeiro que o seu sangue já ao dêle se unira, no híbrido produto dos seus amores, denunciou igualmente, ao mundo que neste hemesfério, a Europa se confundia biologicamente com a América, pelo nascimento de um novo povo predestinado, por sua origem e pela feracidade de seu "habitat", a realizar o ideal de felicidade, de igualdade e de fraternidade, que os detentores das antigas civilizações não lograram alcançar.

Dêsde êsse instante o escritor, que nasceu sob o céu diafano de Messejana, fez refluir ao passado o pensamento dos seus compatriotas, maculado pela sonegação do patrimônio espiritual dos seus maiores.

E, daí por diante, o fenômeno se inverteu, porque, em vez de nos voltarmos para o mundo que nos era estranho, os que dele a nós vieram, é que se incorporaram às tradições, à terra, à história e ao poder político, que com êles, desfrutamos, em comunhão de amizade.

O Ceará, como apresenta José de Alencar no "Iracema", personificando o Brasil — foi a forja, enquanto a índia generosa — foi o cadinho em que se caldeou, ao calor da canícula, o lusobrasileiro, que veio a ser a base humana da grande nacionalidade de que nos orgulhamos nos nossos dias.

José de Alencar não teve, de certo, outra intenção ao confundir o destino do guerreiro branco com o de Iracema que não fôsse a de atrair para aquela ordem de cogitações a atenção dos estudiosos do seu próprio país.

A sua orientação, além de literária, foi, também, assim de fundo cultural e científico.

Euclides da Cunha, Alberto Torres, Oliveira Viana, Cassiano Ricardo, embora por outros caminhos são seus autênticos continuadores, no estudo das forças sôbre que se construiu o Brasil, orgânico e social.

O conjunto da sua obra, em cotêjo consciencioso com as demais, impõe-nos o reconhecimento de que foi êle o primeiro a revelar-nos o Brasil, na plenitude de seu desenvolvimento e do seu crescimento integralizador.

Comparemos o "Gaúcho" ao "Guarani" e ao "Iracema", e os três conjuntamente ao "Minas de Prata", ao "Diva" e aos seus outros estudos romanceados, veremos como o espírito do glorioso escritor, vitorioso e atilôquo, envolve a unidade inteira da nacionalidade.

O alcance integral de seu pensamento devemos, pois, buscá-lo na apreciação de todos e não de um ou de alguns, apenas, dos seus trabalhos.

Apreciada através deste critério, a carreira do egrégio escritor é em função do nosso destino nacional, a de maior expressão literária ou social, de quantas se alevantaram até o pedestal das nossas glórias intelectuais.

Estudá-la sob êste prisma fundamental, em todo seu desdobramento artístico, cultural e político, seria obra do maior proveito e de são patriotismo.

Seja como for, José de Alencar já vingou impôr-se ao consenso de todos os brasileiros, como um dos numes tutelares de nossa pátria.

A auréola que ilumina a sua fronte de renovador literário e de intrépido reformador, sobreviverá, cada vez mais, na subjetividade imorredoura das futuras gerações. ,

Parodiando A. Esquiros, poderemos dizer que Iracema não era, com efeito, uma mulher: era sob a figura de mulher, o Brasil na sua expressão humana, e, José de Alencar, a centelha do gênio, de que nos fala Baudelaire.